

Gilberto Freyre: um vitoriano dos trópicos

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. **Gilberto Freyre**: um vitoriano dos trópicos. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

Ana Cristina Meneses de Sousa Brandim¹

A obra *Gilberto Freyre: um vitoriano dos trópicos* escrita por Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke consegue ir além de uma simples biografia de Gilberto Freyre. É um exaustivo levantamento de fontes sobre sua condição intelectual ou uma leitura das leituras que realizou, principalmente aquelas de influência inglesa. A obra refere-se aos anos de formação e impasses sofridos pelo jovem Freyre antes de escrever a obra que o notabilizou: *Casa Grande & Senzala*. É um percurso cartográfico dos elementos intelectuais formadores do pensamento daquele que influenciou decisivamente os debates nacionais sobre raça e cultura.

A refinada pesquisa documental realizada pela autora permitiu alinhar e confrontar as perspectivas intelectuais de um leitor como Gilberto Freyre, suas atividades acadêmicas e as atribulações de sua vida pessoal e familiar. Através dos seus grifos, rabiscos, comentários em páginas de livros, citações, artigos enviados ao Diário de Pernambuco, buscou identificar os silêncios, as intervenções, aquilo que o escritor de *Casa Grande & Senzala* quis apagar ou aquilo que desejava que fosse lembrado sobre ele ou sobre suas idéias.

Este estudo rigoroso e envolvente sobre as principais idéias e interesses que motivaram a vida intelectual de Freyre levou a autora a tomar certas precauções, principalmente, no que diz respeito ao uso sempre difícil dos ego-

¹ Professora do curso de História da Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Mestre em História do Brasil (UFPI). Doutoranda em História, na área de cultura e memória (UFPE). Tem interesse na área de História, Cultura e Literatura. E-mail: acmbrandim@hotmail.com.br

documentos (cartas, diários, autobiografias), tanto no que diz respeito a questão da construção de uma imagem notabilizada do autor como a dificuldade em escrever sob a perspectiva de um tempo teológico, capaz de oferecer uma ilusão de sua trajetória como se esta fosse apenas de ascensão, dando uma falsa impressão de que suas idéias surgiram e foram sendo apropriadas de forma processual e hierárquica.

Todo este cuidado metodológico não furtou a autora em apontar pormenores da vida privada de seu biografado como a experiência homoerótica que teve em Oxford com Linwood Sleiger, mesmo mostrando que tal afetividade foi decorrente, entre outras causas, da forte celebração naquele ambiente das idéias dos jovens poetas uranianos que incentivavam o culto ao amor e a beleza masculina, baseados principalmente nas idéias da *paiderastia* grega.

A autora também explora a importância que as ideias racistas científicas tiveram no debate intelectual americano, dos anos de 1920, principalmente aquelas referentes à eugenia, princípio que defendia a pureza da raça nórdica do qual dependeria o futuro dos Estados Unidos, pois acreditava-se que a América deveria manter sua essência nórdica e protestante. Estas idéias além de influenciarem o pensamento do jovem Freyre também foram experienciadas por ele, já que sentiu em sua própria pele de estudante sul-americano o preconceito velado, fazendo com que tivesse uma forte decepção com relação às idéias racistas.

Este estado de ansiedade e tensão permitiu a Freyre um profundo contato com as idéias de Mandison Grent, que privilegiava a adoção de políticas públicas no sentido da esterilização e da proibição de casamentos interétnicos, e com a voz dissonante de Franz Boas, adepto da idéia de superioridade racial e da noção que denominou de “adaptabilidade” dos imigrantes a culturas diferentes. A autora demonstra que Franz Boas, antropólogo da Universidade de Columbia, não foi tão decisivo e influente nas idéias de Freyre como se acreditava, já que nem suas idéias sobre relevância cultural e ambiental sobre

os traços raciais estiveram presentes nem na sua tese de 1922 nem em artigos que produziu em 1925. Mais influentes foram as idéias do historiador William Shepherd, interessado e responsável pelas pesquisas sobre a América Latina nos EUA ao defender a necessidade de auxílio para diminuir as barreiras do preconceito e da ignorância.

Desta forma é importante notar que Freyre estivera claramente exposto, entre 1918-1922, a fortes apelos das idéias racistas, principalmente aquelas formuladas no Texas, onde existia grande exposição do orgulho branco e a aceitação das idéias do racismo científico norte-americano. Tais influências foram, com o tempo, sendo dissipadas em seu pensamento, como notou a autora Maria Lúcia, principalmente pela contribuição de ensaístas como Baylon, que o levou a liberá-lo das idéias preconceituosas que compartilhava e a assumir, tempos depois, em sua obra *Casa Grande & Senzala*, a idéia de que a mestiçagem era etnicamente bela, sadia e culturalmente enriquecedora.

A contribuição de Walter Pater, com relação ao uso da narrativa textual ensaística, possibilitou a Freyre o contato com uma forma de escrita que o possibilitou certa liberdade de exposição das idéias, utilizando para conciliar idéias divergentes, mudar constantemente o seu ponto de vista, acrescentando comentários ao que escreveu ou aceitando idéias que iam surgindo no debate acadêmico, principalmente sobre questões raciais. Suas confusões e indecisões, antes mesmo de escrever *Casa Grande & Senzala*, o levaram a desenvolver idéias regionalistas e a fazer da mestiçagem uma característica valorizada enquanto identidade local e nacional, em detrimento dos apelos racistas da experiência norte-americana.

As críticas, em âmbito nacional, de Roquette Pinto sobre a falta de fundamentação científica para a tese da “degeneração dos mestiços”, onde se defendia que indivíduos híbridos eram propensos a patologias, sendo necessário, portanto, certa preocupação com questões de ordem política, sanitária e educativa, juntamente com o forte apelo culturalista da teoria de

Boas, contribuíram para Freyre fazer uma releitura e possível crítica às teorias raciais e eugênicas em voga, propenso mais a pensar no Brasil como a Inglaterra da América do Sul, um país dotado de talento para o “equilíbrio de antagonismos”.

As incursões da autora sobre os escritores e pensadores ingleses ou aquilo que denominou como “ferramenta mental” de Freyre demonstraram, de um lado, a habilidade notável do mesmo em consumir e transformar os conhecimentos que adquiria e torná-los seus, bem como, utilizar os autores como pontos de referência sempre que necessitasse adequar-se a novas experiências e idéias. Estes e outros percursos oportunizados pela autora dão conta da difícil trajetória que se opera no campo das idéias, fazendo com que um autor não seja apenas aquilo que o tornou consagrado ou não, mas aquilo que o motivou em termos de leituras, experiências, embates e debates, fazendo da sua trajetória uma resultante, uma somatória de outros indivíduos com suas formas de pensar, agir e explicar o mundo.

A obra *Gilberto Freyre: um vitoriano dos trópicos* é particularmente importante para um público interessado no desenvolvimento das idéias daquele que ficou conhecido pelos estudos que realizou no campo do debate sociológico, promotor de um pensamento que teve como centralidade pensar no Brasil como uma grande mistura de raças, indo de encontro às idéias racistas tão freqüentes nos Estados Unidos, na época analisada pela autora. Como concebeu suas teorias sociológicas? Que pensamentos embasaram e contribuíram suas teses? Como lia e absorvia as idéias que circulavam na América e na Europa? Estas e outras perguntas são exaustivamente analisadas nesta obra, fazendo com que seja uma importante contribuição para compreendermos que o reconhecimento de um autor é um longo caminho feito de possibilidades, opções, escolhas e recusas teóricas.